

CORPOS E SUAS REPRESENTAÇÕES NOS ESPAÇOS MIDIÁTICOS: A GORDOFOBIA NA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA

BODIES AND THEIR REPRESENTATIONS IN MEDIA SPACES: FAT PHOBIA IN THE CINEMATOGRAPHIC INDUSTRY

Ana Laura de Oliveira Heleno

Bacharel em Publicidade e Propaganda pela FIB Bauru; analaura279587@gmail.com

Carina Nascimento

Doutoranda em Mídia e Tecnologia pela FAAC-Unesp Bauru; Docente dos cursos de Publicidade e Propaganda, Administração e Engenharia de Produção da FIB Bauru; Professora Bolsista da FAAC-Unesp pelo DCSO; carina.nascimento@unesp.br

Resumo: A herança colonial do ocidente, trouxe consequências na sociedade presentes até os dias de hoje. O racismo e a gordofobia, por exemplo, impedem até hoje a conquista de uma posição social mais elevada para uma mulher preta e gorda. A falta de representatividade em telas faz com que as crianças pretas e gordas se sintam excluídas da sociedade, e nessa sentença que esse projeto se inicia. Dentro desse contexto, o objetivo deste trabalho é promover uma reflexão sobre como a supremacia racial branca, que influenciou a construção social da gordofobia e como ela se materializa nas reproduções cinematográficas, proporcionando um não-pertencimento a um grupo social que é lido socialmente como fora do “padrão” eurocêntrico. Para atender ao objetivo dessa proposta, o artigo realizará uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva e também um estudo de caso, com triangulação entre o referencial teórico construído e os resultados obtidos com a análise de obras cinematográficas dos anos de 2000 a 2010, período de grandes produções do cinema. Espera-se contribuir com parâmetros norteadores de forma que haja conscientização sobre as opressões que são acometidas mulheres pretas e gordas.

Palavras-chave: racismo, gordofobia, mulher preta, filmes, entretenimento.

Abstract: The colonial heritage of the West brought consequences in society that are present until today. Racism and fatphobia, for example, still prevent a black and fat woman from gaining a higher social position. The lack of representation on screens makes black and fat children feel excluded from society, and it is in this sentence that this project begins. Within this context, the objective of this work is to promote a reflection on how white racial supremacy, which influenced the social construction of fatphobia and how it materializes in cinematographic reproductions, providing a non-belonging to a social group that is socially read as outside of the Eurocentric “pattern”. To meet the objective of this proposal, the article will carry out a qualita-

tive research, of an exploratory and descriptive nature, as well as a case study, with triangulation between the constructed theoretical framework and the results obtained with the analysis of cinematographic works from the years 2000 to 2010, period of great cinema productions. It is expected to contribute with guiding parameters so that there is awareness about the oppressions that black and fat women are affected.

Keywords: racism, fatphobia, black woman, movies, entertainment.

1 INTRODUÇÃO

O período da escravização negra, foi um dos mais violentos e brutais períodos da história da humanidade, pois proporcionou à essa população uma experiência de aniquilamento físico, material, social, simbólico e cultural. Segundo (GOMES, 2021) dos cerca de 12,5 milhões de escravizados entre crianças e homens africanos, trazidos à força para as Américas, 4,8 milhões vieram para o Brasil e participaram de todos os ciclos econômicos nacionais. Eles fertilizaram terras, plantaram, alimentaram e colheram a riqueza material, para o desfrute exclusivo da aristocracia branca, composta por latifundiários, comerciantes e sacerdotes cristãos católicos, que devolviam desprezo, ignorância e discriminação racial contra aqueles que foram essenciais para a fundação do Brasil (NASCIMENTO, 2016).

O colonialismo português adotou formas de comportamento muito específicas para disfarçar sua real violência e crueldade, contra os negros africanos, e durante séculos, o sistema escravocrata, desfrutou de mecanismos ideológicos para sustentar que esse modelo, era uma instituição benigna, de caráter humano. Chauí (2022) afirma que esses mecanismos de dominação, é a demonstração do conceito de ideologia, que consiste na lógica das ideias da classe dominante, construídas para fazer com que essas ideias, sejam válidas para todas as classes sociais. A ideologia esconde o ser da sociedade por meio do parecer social, ou seja, ela oferece ideias de identidade, unidade, de centro, indivisão, a uma sociedade dividida em classes contraditórias, dissimulando, portanto, a realidade social, o ser da sociedade. Portanto, a ideologia não é um conjunto de ideias, ou ideário, a ideologia são as ideias da classe dominante formuladas pelos intelectuais (Chauí, 2022, apud Marx; Engels, 2021).

Nesse sentido, para sustentar o ideário do colonialismo europeu, cria-se uma teoria, que passa a ser abraçada em todos os espaços de poder, – das universidades aos meios de comunicação –, que afirma que o determinismo biológico dos povos, as condições climáticas ou geográficas dos povos, seriam capazes de explicar as diferenças morais e intelectuais entre as diferenças raças. A pele não branca e o clima tropical favoreciam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e selvagens, além de indicar pouca inteligência (ALMEIDA, 2019).

A supremacia racial branca, utilizou o critério do racismo científico para hierarquizar raças e corpos no ocidente e essa lógica se torna replicante nos dias de hoje, sobretudo, nos espaços midiáticos.

Os fatos históricos se materializam em dados atuais, quando se observa que 65% dos presidentes e diretores de empresas têm alguma restrição em contratar pessoas gordas, e menos de 30% dos chefes e presidentes de grandes empresas são negros (CATHO, 2005); 85,3% das pessoas consideradas obesas no Brasil já passaram por situações gordofóbicas. Além disso, 61,25% desses entrevistados alegaram que já se sentiram desconfortáveis com alguma situação em que foram questionadas sobre o seu peso (ABESO, 2022).

A partir de uma perspectiva social racializada, discrimina o tamanho e forma de determinados corpos, surge a demanda desse trabalho. O objetivo desse artigo é promover uma reflexão sobre como a supremacia racial branca, influenciou a construção social da gordofobia e como ela se materializa nas reproduções cinematográficas, proporcionando um não-pertencimento a um grupo social que é lido socialmente como fora do “padrão” eurocêntrico.

2 RACISMO CIENTÍFICO E SUPREMACIA RACIAL BRANCA

Dados pré-históricos dão conta de afirmar que a escravização negra começou no século XV com o tráfico do povo africano realizado pelos europeus e nesse sentido, observa-se que a história do racismo no mundo ocidental está amplamente relacionada à escravidão e ao colonialismo, pois é nesse momento que o termo raça passa a ter um peso maior, para denominar qual é a raça opressora e qual é a oprimida. De acordo com Almeida (2019) o termo raça sempre esteve ligado a classificações, primeiro no reino vegetal e animal, e depois com o humano. Com essa classificação criada, ficou estabelecido que os colonizadores europeus eram superiores aos povos colonizados, distribuindo para esses trabalhos servis e vexatórios, enquanto os senhores de engenho e colonos desfrutavam da terra dominada e impunham suas leis, crenças e costumes. Esse domínio dos povos brancos sob os povos negros e indígenas, foi terreno fértil para a construção de supremacia racial branca.

O racismo científico do século XIX sustentou a construção da supremacia racial branca. Portanto, na escala evolutiva dessa “ciência”, os valores culturais, sociais, éticos-estéticos e políticas das populações brancas estavam acima das demais populações. O conceito supremacista legitimou a colonização e os procedimentos inumanos admitidos para o controle dos povos colonizados (FANON, 2020).

O racismo científico ganha popularidade e se espalha por toda a estrutura social,

como um grande sistema de opressão contra a população não-branca, sustentado nos pressupostos do supremacismo racial branco construído desde a revolução científica (WEST, 2002). Para isso, o supremacismo lançou mão de três dimensões que se naturalizaram no imaginário social do Ocidente, em razão da magnitude da escravização negra, legitimando a segregação da população negra: os conceitos de ciência, cultura e beleza, a partir das experiências da Europa e do colonialismo.

A supremacia branca é um conjunto de ideais que estabelece que o homem branco europeu ocidental, é naturalmente superior a humanos de outras origens raciais. De acordo com Fredrickson (2004), as primeiras manifestações de supremacia branca aconteceram na Europa Ocidental no final da Idade Média e início da Era Moderna, em especial na região Ibérica. Para o autor, a repulsa e a negação dos povos de pele clara com os de pele escura era algo espontâneo, e para entender essa espontaneidade, foi analisado a representação dos negros na iconografia e literatura dos povos brancos, e observou-se que os demônios eram representados com a pele escura, e “normalmente” os carrascos dos mártires brancos, tinham traços africanos e pele escura.

A associação simbólica do negro com o mal e a morte, e do branco com a bondade e pureza teve inquestionavelmente algum em predispor as pessoas de pele clara contra os que tinham pigmentação mais escura. (FREDRICKSON, 2004, p. 28)

Nesse sentido, é possível observar que a escravidão abre portas ao racismo, implicando no aniquilamento material e imaterial da população negra, de seus costumes e crenças. Por mais que a escravidão tenha sido abolida, o pensamento colonial permanece enraizado na sociedade brasileira, basta observar a desintegração de negros e indígenas na sociedade gerou consequências mais perversas a esses grupos sociais. No mercado de trabalho, por exemplo, observa-se que 47,6% dos pretos e pardos ocupam cargos de funções operacionais e de auxiliares, e apenas 0,7% das pessoas pretas e pardas ocupam cargos de diretores (HR TECH, 2021).

Nessa arquitetura conceitual, a noção de beleza também tem um papel estratégico: quanto mais próximo do modelo branco, mais próximo se está da condição humana. Essa percepção provocou, na esteira do longo período da escravização africana, a estigmatização da população não-branca em escala planetária (GOMES, 2019; 2021; 2022). Nos países que experimentaram a escravização negra, a linha da cor da pele define quem “tem” direito à vida, e quem “deve” morrer (MBEMBE, 2014) e essa morte não diz respeito somente às condições materiais, mas também às questões imateriais, simbólicas, sociais e culturais.

Considerando que a supremacia branca, leva em consideração a beleza como uma das categorias que confere humanidade à povos eurocêntricos, em detrimento às iden-

tidades não-brancas, um debate que se faz necessário, é a construção social de “corpos universais”, que são mais aceitos nos espaços ou territórios de poder. O conceito contemporâneo intitulado de gordofobia, que discrimina um corpo em detrimento do outro, tem suas origens na lógica racista.

3 SURGIMENTO DA GORDOFOBIA E SEU ATRAVESSAMENTO RACIAL

De acordo com a socióloga norte-americana Strings (2019), o conceito de gordofobia é contemporâneo ao de escravidão, e os dois estão intimamente ligados, pois tem suas origens no mesmo povo. No início, corpos volumosos, nádegas grandes e seios fartos, causavam fascinação, eram desejados e admirados. Porém, com a evolução da sociedade, muitas situações, como as obras renascentistas e padrões greco-romanos, contribuíram para a discriminação do corpo gordo, e principalmente do corpo gordo preto. O corpo da mulher preta e gorda passou a ser considerado animalesco e selvagem, e uma ideia difundida em 1700 pelos chamados cientistas raciais, como Georges-Louis LeClerc, Conde de Buffon, foi comprovada, de que os corpos eram tão diferenciados que eram uma espécie entre o humano e o macaco, como é descrito no livro “Histoire Naturelle, Générale Et Particulière” (1749).

Strings (2019) afirma que no início do século XIX, as mulheres gordas pretas já estavam inseridas na indústria do entretenimento, com apenas 21 anos Sarah Baartman foi levada para apresentar seu corpo no Piccadilly Circus, em Londres. Com o passar do tempo, com as mudanças de padrões e com a inferiorização dos corpos gordos, pessoas gordas começaram a ser escanteadas e alguns estereótipos começaram a ser formados, um deles está diretamente ligado à indústria do entretenimento, que é o alívio cômico. As mulheres gordas em filmes e séries, sempre são as escadas para que a protagonista magra, conquiste o seu objetivo.

A autora continua dizendo que “Saartjie” Baartman, foi a primeira mulher negra a ser inserida no universo do entretenimento, e a sua chegada causou nos homens europeus um clima de euforia. Saartjie nasceu na Província Oriental do Cabo da África do Sul, e aos dois anos perdeu sua mãe e em sua adolescência seu pai. Ainda muito jovem começou a trabalhar como empregada doméstica para um holandês, que assassinou o seu companheiro. Em 1810, Saartjie assinou um contrato, mesmo sendo analfabeta, o qual a declarava como propriedade do empresário britânico Alexander Dunlop. Ao conhecer Saartjie, Dunlop percebeu uma certa exotividade no tamanho e forma de suas nádegas e órgãos genitais, então ele decidiu levá-la para Londres, como uma aberração e passou a exibí-la em espetáculos circenses como a “Vênus Hotentote”.

A fama das coxas grossas, braços macios, nádegas protuberantes e barriga arredondada correram rápido por toda Europa, popularizando na mente de cada um, uma ideia de vinha sendo difundida por toda Europa, de que os grandes corpos das mulheres negras representavam a sua selvageria. De acordo com alguns europeus, o povo africano não tinha capacidade intelectual e moral para compreensão, para eles, os africanos eram mais propensos aos vícios da carne: comida, luxúria e fornicção. (BUST, 2019)

Observa-se então que as mulheres negras, além de terem a opressão de raça e gênero ligados a sua história e evolução, para aquelas que possuem corpos longe do padrão europeu ocidental, tem também a gordofobia. Por isso, é fundamental que esse trabalho tenha uma perspectiva interseccional para compreender opressões que ocorrem de forma simultânea. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária, são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. Ela é uma forma de compreensão do mundo, das pessoas e das humanas (BILGE, COLLINS, 2021).

A fama das coxas grossas, braços macios, nádegas protuberantes e barriga arredondada correram rápido por toda Europa, popularizando na mente de cada um, uma ideia de vinha sendo difundida por toda Europa, de que os grandes corpos das mulheres negras representavam a sua selvageria. De acordo com alguns europeus, o povo africano não tinha capacidade intelectual e moral para compreensão, para eles, os africanos eram mais propensos aos vícios da carne: comida, luxúria e fornicção. (BUST, 2019)

A opressão se torna ainda maior, quando a mulher gorda, também é preta, pois a estas são atravessadas opressão de raça, gênero e corporeidade. Desta forma, é fundamental que essa análise tenha um caráter interseccional, pois conforme aponta Collins (2019), a interseccionalidade investiga como o poder influencia as relações sociais em sociedades diversas. Muitas mulheres, para minimizar as violências recebidas, como forma de se sentirem mais aceitas acabam participando de algum processo de emagrecimento muito radical.

Com o passar do tempo, a sociedade passou a valorizar os corpos magros, principalmente no século XVIII, quando as mulheres começaram a usar espartilhos para afinar a cintura e esconder os quilinhos a mais que tinham. No século XVII, os corpos delicados de pele branca e cintura afunilada eram sinais de beleza. Observa-se que, com o passar do tempo, os padrões sempre se mantiveram no corpo esguio e que fica bem em pinturas, fotos e vídeos.

Se a mulher negra tem uma caminhada longa para alcançar uma posição elevada, a mulher negra e gorda tem uma maratona a ser cumprida, para que a posição de reconhecimento seja garantida. Recentemente, a cantora norte-americana Lizzo se pronunciou sobre os comentários racistas e gordofóbicos que vinha recebendo, após o lançamento do seu hit “Rumors”, que tem a colaboração da rapper Cardi B (ACTIVA, 2021):

Nos dias em que sinto que devia estar mais feliz, sinto-me tão em baixo”. “É como se a quantidade de energia positiva que pões no mundo não importasse. Ainda vais ter pessoas que têm algo mau a dizer sobre ti. E, regra geral, não magoar os meus sentimentos; eu não me importo”. “Penso que quando estou a trabalhar tão arduamente, a minha tolerância baixa. A minha paciência fica mais curta. Fico mais sensível, e afeta-me. Não tenho tempo para a vossa negatividade. Não tenho tempo para a vossa auto-aversão enraizada, que projetam em mim através do vosso racismo e gordofobia. Vou continuar a ser eu. Vou continuar a ser uma mulher poderosa. (ACTIVA, 2021)

Como se observa, a indústria do entretenimento, infelizmente, ainda não se livrou de alguns preconceitos, e em muitas obras acabam reforçando alguns estereótipos, que os grupos acêntricos lutam para derrubar.

4 A INDÚSTRIA DO ENTRETENIMENTO

Bezerra; Bragaglia (2019), observam que é comum em obras cinematográficas o uso de homens e mulheres gordos para representar o alívio cômico. No caso da mulher, ela é sempre a melhor amiga da protagonista magra, que está apaixonada pelo cara mais popular. E na maior parte do filme a amiga gorda é um poço de autoajuda para a amiga nunca desistir. Outra situação observada constantemente é que quando a protagonista é gorda, ou ela emagrece para receber atenção e elogios que geralmente uma protagonista recebe, ou o cara que se apaixona por ela, tenta amá-la esquecendo de seus “defeitos” corporais, e a ama pelo que ela é. Outro estereótipo com mulheres gordas na indústria do entretenimento é o de antagonismo; esse estereótipo costuma-se observar, na maioria das vezes, em obras infantis, onde a vilã é uma mulher gorda que deseja ser igual a protagonista. (BARBERO, 2015)

A beleza feminina na indústria do entretenimento seguiu os padrões de corpos magros, e sempre atrizes com um bom físico tiveram destaques nas obras. Na década de 80 a era fitness começou a imperar, e nos anos 90 as mulheres altas, curvilíneas e sem muito exageros eram sinônimos eram símbolos de beleza. Mas então, onde se encaixam as mulheres gordas na indústria do entretenimento? Assim como na história real, na ficção, as mulheres gordas ficam como coadjuvantes, esquecidas, lembradas apenas para o crescimento da protagonista.

Agordofobia e o racismo são preconceitos muito latentes na sociedade brasileira, e, constantemente, são observadas notícias de pessoas que foram ofendidas por ser gorda demais para trabalhar em uma empresa ou por ser preta e estar em uma loja de alta padrão social.

Muitas atitudes ajudariam a diminuir essas ações discriminatórias, se estivessem mais inseridas no nosso dia-a-dia. Por exemplo, um filme onde uma criança assiste e se

identifica com a protagonista gorda e negra, que enfrenta desafios diários e que não precisa mudar o seu jeito de ser. A conscientização e inclusão de grupos acêntricos nos espaços de poder é fundamental, como também o respeito e a aceitação de todos na sociedade. Estudar e ampliar o debate sobre esse tema é essencial para que se possa construir uma sociedade cada vez mais democrática, inclusiva, interseccional e justa para as futuras gerações.

Portanto, o presente artigo pretende oferecer uma reflexão sobre como a supremacia racial branca, expressão do racismo sistêmico, influenciou a construção social da gordofobia e como ela se materializa nas reproduções cinematográficas, proporcionando um não-pertencimento a um grupo social que é lido, perversamente pela sociedade, como fora do “padrão” euro-estético-universal.

5 METODOLOGIA

Para atender os objetivos deste artigo, o trabalho é dividido em duas fases. A primeira fase é caracterizada pela realização de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva que segundo Fonseca (2002) é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Nestas bases de dados serão pesquisados os assuntos: escravização negra, supremacia racial branca, interseccionalidade, a representação da mulher gorda e negra na indústria do entretenimento e suas influências. A segunda fase do trabalho será um estudo de caso, que para Fonseca (2002) o pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. Nesse sentido, serão analisadas obras cinematográficas dos anos de 2000 a 2010, período de grandes produções do cinema. O universo de pesquisa deste trabalho serão os filmes de dramédias românticas com mulheres gordas pretas, pois é um gênero onde a maior parte das personagens são estereotipadas.

5.1 ANÁLISE DOS FILMES

A proposta aqui é observar as opressões interseccionais contidas nos filmes, em especial atravessamentos de raça, corporeidade e gênero

O amor é cego (2001)



A história do filme gira em torno de Hal, que é um homem que só se relaciona com mulheres que possuem a forma da "perfeição" física feminina. Entretanto, tudo muda quando Tony Robbins, um guru, hipnotiza Hal e faz com que ele veja a beleza em mulheres fisicamente menos atraentes.

Por mais que não tenha uma protagonista preta e nem gorda, o filme O amor é Cego é muito importante para esse projeto pois conta com uma técnica gordofóbica muito utilizada no cinema dos anos 2000, que são as "fat suit". Resumidamente Fat suit é o ato de usar roupas com enchimentos para a representação de um personagem gordo.

Norbit - Uma comédia de peso (2007)



Norbit é um filme de comédia lançado em 2007, que tem em seu elenco grandes atores como: Eddie Murphy, Cuba Gooding Jr, Marlon Wayans e Terry Crews. Assim como no filme Professor Alopado (1996), o ator Eddie Murphy acaba interpretando mais de um personagem, ele interpreta o próprio Norbit, sua esposa Rasputia e seu pai adotivo Wong.

Rasputia é uma mulher obesa e negra, e essas duas características são usadas durante todo o filme como uma maneira de oprimi-la e de fazer piadas. Por exemplo, várias vezes durante o filme, o Sr. Wong chamar Rasputia de Gorila e vários outros xingamentos gordofóbicos e racistas.

Além de todas as piadas e xingamentos gordofóbicos e racistas, o filme sofre com outro estereótipo que é aquele onde toda mulher gorda é desesperada e obcecada por arranjar um companheiro.

Jogada Certa (2010)



Leslie Wright é uma fisioterapeuta que consegue seu emprego dos sonhos: trabalhar com o jogador de basquete Scott McKnight. Com o passar do tempo, Leslie percebe que está apaixonada pelo jogador, entretanto, Scott não percebe o interesse de Leslie e volta sua atenção para Morgan, amiga de Leslie, que tem o sonho de ser esposa de um grande jogador de basquete. Tudo muda quando Scott sofre um grave acidente que pode o deixar para sempre fora das quadras.

Jogada Certa é um filme que conta com Queen Latifah, uma atriz que esteve presente em muito dos filmes de comédia dos anos 2000, representando as mulheres que não estavam dentro dos padrões de beleza. Por mais que a atriz tivesse o papel de protagonista, sempre havia uma outra personagem para roubar a cena, como é no caso do filme jogada certa, onde Morgan passa ser a garota desejada.

Preciosa - Uma história de Esperança (2009)



Grávida de seu próprio pai pela segunda vez, Claireece Jones tem 16 anos e não sabe ler nem escrever, e acaba de ser expulsa da escola, após os diretores descobrirem sua segunda gravidez.

No filme Claireece sofre preconceito dentro do próprio lar, pois sua mãe acredita que a garota engravidou do pai por livre e espontânea vontade, gerando nela um sentimento de ciúmes, implicando em falas gordofóbicas contra a própria filha. Durante as quase duas horas de filme, o público é exposto aos xingamentos sofridos por Preciosa, e racismo, a gordofobia e homofobia.

Dreamgirls - Em busca de um sonho (2006)



Effie White, Deena Jones e Lorrell Robinson são três jovens que formam o grupo musical Dreamettes. Com o passar do tempo o grupo começa a fazer sucesso e graças ao manipulador empresário Curtis Taylor, elas se tornam vocais de um famoso cantor de soul. Os conflitos começam quando Curtis quer trocar Effie por Deena, e quer transformá-las em Dreams.

Em Dreamgirls Effie, a vocalista do grupo e até certo período do filme, esposa de Curtis, é uma mulher negra e gorda que se vê sendo trocada por Deena, uma mulher negra magra, que corresponde aos interesses de Curtis. Effie é uma personagem muito interessante de ser analisada, porque por mais que tivesse um talento inigualável, o que importava para a mídia da época era o seu corpo, sendo obrigada a realizar dietas incomuns, para se encaixar aos padrões midiáticos da época, algo que não mudou muito nos dias de hoje.

Com essas análises fílmicas é possível observar, que apesar dos produtos serem originalmente do início dos anos 2000, os mesmos se mantêm presentes no imaginário social, gerando efeito de sentido discriminatório às opressões de raça, gênero, corpos, e etc. Espera-se que com o avanço desse debate, a indústria cinematográfica lance mão de reproduzir imagens de controle que acabam limitando a existência de grupos sociais vulneráveis e construa narrativas de corpos mais diversos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse estudo conclui-se que, durante os primeiros 10 anos do século XXI, foram feitas muitas obras com protagonistas gordas, sejam elas brancas, pretas, asiáticas, indígenas ou pardas, entretanto a maioria delas foram representadas com os estereótipos já conhecidos pela sociedade.

A criação dessas obras poderia até querer conscientizar sobre algo, mas muitas delas acabaram só por reproduzir opressões interseccionais de raça, gênero e corporeidade.

Com o passar do tempo, alguns debates sobre fat suit e representação de corpos gordos na mídia foram surgindo, e algumas obras se tornaram mais inclusivas, entretanto, várias continuam por reproduzir, como uma imagem de controle, a garota gorda que nunca será desejada, como aconteceu na recente série da netflix “Insatiable”, que passava a mensagem que as pessoas só são felizes se são magras. Recebendo críticas pesadas de profissionais, tendo uma avaliação vergonhosa no *Rotten Tomatoes* e sendo acusada por assinantes do streaming e críticos de praticar gordofobia, a série foi cancelada na sua 2ª temporada.

Com esses casos recentes, percebemos que a luta contra a gordofobia tem um longo caminho pela frente.

REFERÊNCIAS

ACTIVA. *Lizzo denuncia gordofobia na indústria do entretenimento*. Disponível em: <https://activa.sapo.pt/celebridades/2021-08-16-lizzo-denuncia-gordofobia-na-industria-do-entretimento/>. Acesso em: 23 set. 2022.

ALMA PRETA - JORNALISTA PRETO LIVRE. *Sarah Baartman: como a história da gordofobia está atrelada ao racismo?*. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/sarah-baartman-como-a-historia-da-gordofobia-esta-atrelada-ao-racismo>. Acesso em: 23 set. 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patrícia Hill. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

BBC NEWS BRASIL. *Sarah Baartman: a chocante história da africana que virou atração de circo*. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab. Acesso em: 21 set. 2022.

BUST. *The Racist Origins Of Fatphobia*. Disponível em: <https://bust.com/feminism/196525-racist-origins-of-fatphobia.html>. Acesso em: 23 set. 2022.

CINE COM. *O reforço dos estereótipos nas telas*. Disponível em: <https://www.jornalismo.ufr.br/cinecom/o-reforco-dos-estereotipos-nas-telas/>. Acesso em: 24 set. 2022.

- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- EXAME. Gordofobia? 65% dos executivos preferem não contratar pessoas obesas. Disponível em: <https://exame.com/carreira/gordofobia-65-dos-executivos-preferem-nao-contratar-pessoas-obesas/>. Acesso em: 24 set. 2022.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- FUTURA. *Debate desta terça-feira (04/08) discute o racismo estrutural presente na sociedade brasileira*. Disponível em: <https://www.futura.org.br/uma-sociedade-erguida-com-base-na-discriminacao-racial/>. Acesso em: 24 set. 2022.
- G1 - ECONOMIA. *Menos de 5% dos trabalhadores negros têm cargos de gerência ou diretoria, aponta pesquisa*. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/09/24/menos-de-5percent-dos-trabalhadores-negros-tem-cargos-de-gerencia-ou-diretoria-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 24
- GOMES, Laurentino. *Escravidão - Volume 3: Da Independência do Brasil à Lei Áurea*, volume 3. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Ed. Antógonia, 2014.
- MOBILIDADE - ESTADÃO. *No Brasil, 85% das pessoas obesas já sofreram gordofobia*. Disponível em: <https://mobilidade.estadao.com.br/na-perifa/no-brasil-85-das-pessoas-obesas-ja-sofreram-gordofobia/>. Acesso em: 24 set. 2022.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- POLITIZE. *O que é racismo estrutural?*. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/o-que-e-racismo-estrutural/>. Acesso em: 23 set. 2022.
- RAMOS, Shirley Silva. “AQUELA GORDA, PRETA, BUCHA DE CANHÃO”:: MULHERES NEGRAS, GORDAS E FAVELADAS FRENTE A NEGAÇÃO DE DIREITOS, ESPAÇOS E DIGNIDADE NO COTIDIANO, UM MANIFESTO.. Repositório Unilab, Ceará, v. 1, n. 1, p. 1-16, jun./2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_27112021214645.pdf. Acesso em: 24 set. 2022.
- SANTOS, D. J. D. RACISMO E RESISTÊNCIA À DISCRIMINAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS LUTAS SOCIAIS DAS NEGRAS E DOS NEGROS DA CLASSE TRABALHADORA: RACISMO E RESISTÊNCIA À DISCRIMINAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS LUTAS SOCIAIS DAS NEGRAS E DOS NEGROS DA CLASSE TRABALHADORA. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 22-169, dez./2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18941/2/Diogo%20Joaquim%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.
- STRINGS, Sabrina. *Fearing the Black Body: : The Racial Origins of Fat Phobia*. 1. ed. Nova York: New York University Press, 2019. p. 1-296.

VAGAS FOR BUSINESS. *Negros têm participação reduzida em cargos de suporte, média e alta gestão, revela Vagas.com*. Disponível em: <https://forbusiness.vagas.com.br/blog/participacao-negros/>. Acesso em: 24 set. 2022.

UFRGS. *Escravidão*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/depestre/escravidao.htm>. Acesso em: 24 set. 2022.

UFRGS. *Sara Baartman (1789–1815)*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/sara-baartman-1789-1815/>. Acesso em: 23 set. 2022.

UNISINOS. *A História do Racismo – documentário*. Disponível em: <http://unisinoblog.com.br/2013/02/04/a-historia-do-racismo-documentario/>. Acesso em: 23 set. 2022.

WALESKA MIGUEL BATISTA. *A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural*. *Direito & Práxis*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-9, out./2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/nkt6FjJDWMvfV7DsqqfBY4XK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2022.

WE ARE HUMAN. *Conheça a história dos padrões de Beleza e sua Evolução*. Disponível em: <https://blog.wearehuman.com.br/conheca-a-historia-dos-padroes-de-beleza-e-sua-evolucao/>. Acesso em: 24 set. 2022.

WEST, Cornel. *Genealogy of modern racism*. In: *Prophesy deliverance! An afroamerican revolutionary Christianity*. Westminster John Knox Press: Louisville, KY; London, 2002. p.47-65. Acesso: 20/07/2022.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.